

Resenha do texto:

BARROS, Romildo R. do Rêgo. "Alguns comentários sobre a solução fóbica", in *A ordem do sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 33.

Ana Venite Fuzatto de Oliveira<sup>1</sup>

A questão da fobia é tratada pelo autor a partir do paradigmático *Pequeno Hans*. Primeiro, passa pela história pessoal do personagem central. Depois, aborda a questão freudiana da fundação da sexualidade, contrapondo *Pequeno Hans* e *Totem e Tabu*. Em seguida, estende-se em questões psicanalíticas pontuais, distribuídas em capítulos temáticos, nas quais apresenta nuances teóricas de Freud e Lacan sobre o caso da fobia infantil.

O autor desse texto começa por lembrar que o biógrafo oficial de Freud, Ernest Jones, em *Vida e Obra de Sigmund Freud*, refere-se pouco a Max Graf, não obstante a importante contribuição deste para a teoria freudiana da fobia, já que se trata do pai de Herbert Graf, o *Pequeno Hans*. Aliás, sobre o filho nada menciona, muito embora seja o personagem central do texto freudiano da análise da fobia infantil.

Depois, Romildo volta-se para o clássico texto do *Pequeno Hans*, ressaltando uma contraposição outro clássico freudiano: *Totem e Tabu*. Relaciona a questão do mito e a análise de Hans para a elaboração freudiana sobre a realidade sexual. Em especial, ressalta que nos dois textos Freud procura mostrar que a fundação da sexualidade corresponde a um trauma, cujas marcas se fazem presentes tanto na fantasia (enquanto limite até onde se entende a realidade) quanto no sintoma (como resposta subjetiva ao trauma). Assim, constata que "a organização totêmica posterior ao assassinato do pai é uma sintomatização, bem como a eleição do cavalo como objeto fóbico" [pp. 34-35]. Em ambos os textos aparece um objeto, material, que adquire função significante, fixa o sujeito no campo da linguagem e marca um limite de sustentação da subjetividade. É aí que encontra lugar a questão do incesto, central em *Totem e Tabu* e no *Pequeno Hans*. Em *Psicanálise*, essa questão "pode ser situada a partir do ponto onde, para o sujeito, os limites do sexual são assim assinalados pela fantasia ou pela emergência da angústia". [p.35]

### **1- O Objeto materno**

Neste capítulo, começa por tratar do que leva ao rompimento de um suposto equilíbrio na relação dual entre Hans e sua mãe e ao consecutivo apelo à fobia: as práticas masturbatórias e o nascimento da irmã. Se esses dois momentos atuam no desencadeamento da fobia, "têm como antecedente a própria posição da criança como objeto materno, à medida que o desejo materno incide sobre ela como um enigma, de fato paralisante se considerado dentro da lógica do imaginário." [p.36] Comenta que, embora Freud tenha explicado mais a partir da demanda incestuosa de

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na segunda Reunião da Sessão Epistêmica, 26.06.2010.

Hans, é exatamente a partir da demanda materna feita a ele, como metonímia de seu desejo, que é investido da função de falo no plano do imaginário. Falo esse que revela a precariedade materna, a qual aponta para ele direções contraditórias e ameaçadoras: ser objeto do Outro e, ao mesmo tempo, substituído por um outro.

Mas essa função demandada de falo imaginário remete a outro tipo de objeto, inominável - que a própria demanda tenta dar conta - e que é da ordem do real, inacessível à demanda sexual. Hans acha-se, pois, sem ter muito como 'traduzir' tal demanda, ficando exposto aos caprichos do desejo materno, ao "pisoteio de elefante", lembrando Lacan. Daí que, por essa demanda não poder ser regulada, advém a onipotência ameaçadora do Outro. Dessa posição, surge em Hans a angústia e, como resposta a ela, a fobia como forma de relativizar essa demanda, de sair da posição de depositário do desejo materno.

## **2- O Pai e Freud**

Aqui, o autor considera curiosa a 'onipresença' do pai de Hans na história clínica deste. Romildo nos leva a observar uma polarização entre afeto paternal e interesse científico pela teoria psicanalítica - é o próprio pai que dirige a 'análise', via relatórios sobre a curiosidade sexual do filho, endereçados a Freud. O incansável interesse do menino pelo "faz-pipi" dos seres o leva à "proposição geral": todo objeto animado, inclusive do sexo feminino - fato 'confirmado' pela mãe, que lhe afirma ter também um "pipi" -, em oposição ao objetos inanimados, possui um pipi.

O pai de Hans pensa que a eclosão da fobia do filho deve-se à ternura materna excessiva - ternura que, como se sabe, tenta mediar, sem sucesso. Não obstante a preocupação com as dificuldades do filho, evidencia-se a própria demanda a Freud, que lhe diga 'o que é um pai'.

Seguindo as reflexões de Romildo, ao que parece a educação do filho é feita a partir das considerações psicanalíticas. Como lembra Lacan, *pais sem personalidade própria*. [Seminário 4, p.17]. Isso nos faz pensar sobre a posição de Freud nesse cenário familiar. Um desdobramento da função paterna. O autor cita Lacan: um "pai superior" "a quem a palavra se revela como testemunho da verdade" [Seminário 4], com efeitos inclusive curativos em Hans, posto que encontra um destinatário para a sua questão da posse fálica dos seres. Vê-se aí a passagem da função metonímica (de falo da mãe) para a produção metafórica (a função paterna). Em sua busca por quem detém a posse do falo, Hans coloca "a questão da significação que se cristaliza na eleição do objeto fóbico e evolui em direção à análise." [p.38]

O autor, porém, questiona-se sobre os efeitos da análise de Hans; se a apresentação do pai, mediatizando entre o filho e o desejo materno, teria dialetizado para Hans a questão da significação, salvando-o do recurso ao objeto fóbico. Diz que existe, de fato, relação entre a fobia e um certo grau de deficiência da função paterna; a fobia surge como suplência a essa precariedade. Significante paterno esse que, sustentando a função do pai real, permitiria a operação simbólica de castração.

## **3 – As operações**

Aqui, Romildo ressalta que a questão de Hans é como encontrar saída para o que a angústia anuncia, a possibilidade de a relação dual com a mãe ocorrer. O autor esclarece esse impasse com fórmulas lacanianas e diz que, para Lacan, Hans não pode sair disso, pois falta o pai para metaforizar essa relação com a mãe. No lugar dessa ausência, a fobia se constrói em um processo metafórico, em que o objeto-cavalo faz o papel de função paterna. Porém, o objeto fóbico (o cavalo) não é a rigor um pai, tampouco uma mãe. É, antes, um "brasão"; concomitantemente, insígnia genealógica e escudo, é a figura de um nome.

Numa operação contraditória, Hans não só teme o cavalo, mas também 'luta' em nome dele, entre a devoração e a castração. E é essa passagem que inscreve o sujeito na questão do pai sustentada no significante.

Porém, o autor ressalta que, para Lacan, Hans ficara no meio dessa passagem, posto que, embora a análise tenha possibilitado acesso ao pai simbólico, não lhe foi possível dialetizar a carência do pai real.

#### **4 – As fobias e as neuroses**

O autor lembra a consonância entre Freud e Lacan quanto ao lugar especial que a fobia ocupa no terreno das neuroses.

Em Freud, a fobia é tomada como uma "síndrome", termo que aponta a relação de dependência com outros quadros neuróticos. Porém, a fobia será denominada 'histeria de angústia' diferenciando o campo da histeria pela resposta que o sujeito deve dar à angústia; na fobia se daria a ausência de conversão e a forte presença de angústia. É uma produção sintomática de proteção contra a angústia; o surgimento do objeto fóbico atua como escudo contra o inominável.

Em Lacan, por sua vez, "a fobia não é uma entidade clínica, mas uma placa giratória. Ela aponta para a histeria ou para a obsessão e permite a junção com a perversão." [*Seminário* 16, p. 298] Ele aponta a relação entre a fobia com outras neuroses, pois também se trata de uma operação do Nome-do-Pai, o 'quarto termo', possibilitando no sujeito a articulação dos registros imaginário, simbólico e real. Na fobia, o apelo ao NP corresponde à escolha do objeto, com consequências nos três registros:

no imaginário, enquanto a presença do objeto fóbico visa a garantir a permanência da imagem corporal narcísica. No simbólico, na medida em que a produção sintomática é uma resposta que dá significação à falta no Outro. E finalmente no real, uma vez que toda essa operação tem por pivô o objeto a que ele ameaça de irromper sob a forma de angústia, ou sirva na estruturação da realidade na fantasia. [p.41]

Ainda, com a perversão, em especial o fetichismo, a fobia compartilha em um primeiro momento certo uso do objeto. Ambas elegem um objeto, ao qual se dá uma função simbólica: na fobia, de escudo "contra a ameaça de desaparecimento do desejo" [*Écrits*, p.682]; na perversão, de "condição absoluta do desejo". Ambas, nessa operação, fazem aparecer "uma regulação do gozo, que é mantido como sexual e enquadrado pela fantasia". [idem, p.682]

O texto de Romildo mostra, pelo viés psicanalítico, como o pequeno Hans, desorientado diante da ameaça da 'devoração materna' e da ausência da função paterna, encontra na fobia uma saída. Fala, pois, da sua 'solução fóbica'. Na história de Hans, há um destinatário para sua questão fóbica e isso viabiliza sua análise.

Se a fobia de Hans representa um apelo à função paterna, que evoca a presença do Outro, como pensar hoje as fobias, em tempos do Outro que não existe?